

---

## Mulheres, antirracismo e comunicação: interseccionalidade e protagonismo feminino no Coletivo Sargento Perifa, em Recife<sup>1</sup>

Carla Patrícia Pacheco TEIXEIRA<sup>2</sup>  
Maria Mariana Gonçalves de Oliveira da SILVA<sup>4</sup>  
Universidade Católica de Pernambuco, Recife, PE

### RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a articulação, produção de artefatos e narrativas contra-hegemônicas e decoloniais de mulheres periféricas, observada na perspectiva de apropriação das tecnologias de informação e comunicação, sob a ótica da decolonialidade e gênero, feminismo negro e interseccionalidade. A pesquisa adota a metodologia de pesquisa social e de pesquisa participante, com abordagem qualitativa. São utilizadas a etnografia visual e as entrevistas narrativas, além da análise dos artefatos digitais produzidos pelas mulheres que lideram ou são participantes ativas do Coletivo Sargento Perifa.

**PALAVRAS-CHAVE:** tecnologia; comunicação; interseccionalidade; decolonialidade; feminismo negro; identidade cultural.

### INTRODUÇÃO

De 2019 a 2022, a pesquisa Mapeamento de Inovação em metodologias, práticas de aprendizagem e narrativas em grupos periféricos permitiu a aproximação com grupos e coletivos populares que usam das tecnologias de informação e comunicação para atuar em seus territórios. O projeto de pesquisa considerou a existência de coletivos e clusters de inovação periféricos que operam uma margem diversificada de apropriação, aprendizagem e de re-invenção dos objetos técnicos, produzindo narrativas diversas. A pesquisa analisou ainda o processo de desenvolvimento de artefatos digitais e narrativas transmidiáticas e como elas colaboraram para fortalecer processos de emancipação, pertencimento e identidades.

Nosso objeto de pesquisa é, agora, a articulação, produção e narrativas de mulheres periféricas, observada na perspectiva de apropriação das tecnologias de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutora em Design, Professora do Mestrado em Indústrias Criativas e do Curso de Jornalismo da Escola de Comunicação da Unicap, email: [carla.teixeira@unicap.br](mailto:carla.teixeira@unicap.br)

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Escola de Comunicação da Unicap, email: [maria.2020135152@unicap.br](mailto:maria.2020135152@unicap.br)

---

informação e comunicação, das plataformas móveis, na decolonialidade e gênero, feminismo negro e interseccionalidade. Parte-se da compreensão de que essas matrizes teóricas irão permitir compreender esse protagonismo, presente em muitos dos movimentos sociais na Região Metropolitana do Recife, e as redes de identidade, cuidado, organização, sociabilidade e comunicação que se formam nesses grupos por causa das mulheres.

O acesso e o uso das tecnologias de informação e comunicação em rede cresceram exponencialmente nas últimas décadas. Estima-se que aproximadamente 152 milhões de brasileiros eram usuários da rede em 2020, o que representa 81% da população com dez anos ou mais (Cetic, 2022). Em função disso, nos últimos anos vemos um fenômeno de apropriação das tecnologias que reverberam em várias frentes, incluindo aí as comunidades de contextos populares, grupos periféricos e minorias políticas. A comunicação e a inovação têm sido eixos do que está acontecendo, pois por meio delas, grupos e organizações se mobilizam e envolvem as suas populações, trazendo à pauta temáticas que fazem parte de sua realidade, contribuindo no fortalecimento de sua identidade cultural. Além disso, criam narrativas fora da mídia tradicional, ao mesmo tempo em que reconhecem padrões hegemônicos e lutam para combatê-los.

A importância de observar como se dá a apropriação das tecnologias digitais pelas populações de contextos periféricos pela perspectiva de raça, gênero e classe social é reforçada pelos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do IBGE (2019): 56,10% é o percentual de pessoas que se declaram negras no Brasil. Dos 209,2 milhões de habitantes do país, 19,2 milhões se assumem como pretos, enquanto 89,7 milhões se declaram pardos. Os negros – que o IBGE conceitua como a soma de pretos e pardos – são, portanto, a maioria da população. A superioridade nos números, no entanto, ainda não se reflete na sociedade brasileira. Informações divulgadas pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), de 2016, mostram que mulheres brancas recebem 70% a mais que mulheres negras. Entender o Brasil é inter-relacionar questões, informações, dados de gênero, etnia e também de classe social.

No que diz respeito à apropriação de tecnologias por mulheres negras brasileiras, Santos (2018) afirma:

[...] deste contexto onde se observam marcadas distâncias sócio-econômicas e educacionais, as mulheres negras têm recorrido a esta ferramenta, internet, para expandir seus discursos e criar redes sociais, de maneira que se tem incluído em um contexto também adverso, e não obstante necessário. As mulheres negras vivem em um mundo real em que seus discursos são refutados pelos grandes meios de comunicação, e paralelamente em um mundo digital em que, ao mesmo tempo que se reproduzem valores de exclusão e estereótipos, se facilita às mulheres negras um alcance discursivo incalculável (Santos, 2018, p. 125).

A pesquisadora brasileira Lélia Gonzalez, na obra “Lugar de Negro” (1982), observou no Brasil o funcionamento dessas dimensões da opressão, desenvolvendo uma perspectiva interseccional em relação à estrutura da sociedade brasileira.

A primeira coisa que a gente percebe, nesse papo de racismo, é que todo mundo acha que é natural. Que negro tem mais é que viver na miséria. Por quê? Ora, porque ele tem umas qualidades que não estão com nada: irresponsabilidade, incapacidade intelectual, criancice, etc. e tal. Daí, é natural que seja perseguido pela polícia, pois não gosta de trabalho, sabe? Se não trabalha, é malandro e se é malandro é ladrão. Logo, tem que ser preso, naturalmente. (...) Mulher negra, naturalmente, é cozinheira, faxineira, servente, trocadora de ônibus ou prostituta. Basta a gente ler jornal, ouvir rádio e ver televisão. Eles não querem nada. Portanto têm mais é que ser favelados (Hasenbalg; Gonzalez, 2022, p. 225-226).

Quando aborda especialmente a mulher negra, Lélia afirma que “ Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais baixo nível de opressão (2022, p. 44).

Segundo Kimberlé Crenshaw, “A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” (2002, p. 177). Ainda de acordo com a autora, o conceito ganhou força na última década, tanto na academia quanto nos movimentos sociais. A ideia é que a interseccionalidade busca compreender os problemas sociais, amplos estruturais, as dinâmicas desses problemas, a partir de múltiplos eixos. Ou seja, articular esses múltiplos eixos que geram as desigualdades sociais.

Lugones (2018) analisa a importância da interseccionalidade face ao feminismo hegemônico e, ainda, da indiferença dos homens que foram e continuam sendo “vítimas da dominação racial, da colonialidade do poder, homens que são inferiorizados pelo

capitalismo global” (Lugones, 2018, p. 4). Nesse sentido, percebe a indiferença diante da violência sofrida pelas mulheres nas comunidades como uma indiferença que se estende às transformações sociais e à recusa da imposição colonial. “Procuro entender a maneira como essa indiferença é construída para, então, convertê-la em algo cujo reconhecimento seja inevitável para aqueles que se dizem envolvidos em lutas libertadoras” (Lugones, 2018, p. 4).

## **METODOLOGIA**

A pesquisa apontou para o desenvolvimento da metodologia de pesquisa social, com abordagem quanti-qualitativa. O viés quanti-qualitativo indica a adoção de técnicas de coleta que aliam dados à interpretação, buscando a compreensão do objeto alvo deste estudo. Neste sentido, foram adotadas as técnicas de pesquisa (Marconi; Lakatos, 2010):

a) documental: investigação e análise de documentos de fontes primárias governamentais e/ou instituições da sociedade civil organizada voltadas à coleta de dados;

b) Bibliográfica: investigação e análise de documentos e informações de fontes secundárias, sobretudo artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado que tenham como objeto a temática desta pesquisa.

c) Etnográfica: envolveu três etapas. 1) Exploração - envolve a seleção e definição de problemas, a escolha do local onde será feito o estudo e o estabelecimento de contatos para a entrada no campo. 2) Decisão - consiste numa busca mais sistemática daqueles dados que o pesquisador selecionou como os mais importantes para compreender e interpretar o fenômeno estudado. 3) Descoberta - consiste na explicação da realidade; isto é, na tentativa de encontrar os princípios subjacentes ao fenômeno estudado e de situar as várias descobertas num contexto mais amplo. (Lüdke; André, 1986)

A princípio, foi realizado um levantamento dos dados obtidos na pesquisa Mapeamento de Inovação em metodologias, práticas de aprendizagem e narrativas em grupos periféricos, com a análise dos relatórios finais de cada uma das etapas, de 2019 a 2022. Entre os 21 coletivos em atividade na última fase da pesquisa, foram selecionados quatro para esta pesquisa: Coletivo Sargento Perifa, Ponto de Cultura Coco da Umbigada, Associação de Mulheres do Passarinho e Associação Fruto de Favela. Tal escolha se deu pois foi identificada uma forte atuação das mulheres, que agem como protagonistas e/ou participantes ativas das ações desses grupos.

---

## RESULTADOS

Com relação ao primeiro ano da pesquisa (julho 2023 a julho 2024), o foco foi direcionado a apenas um dos grupos: o Coletivo Sargento Perifa, que atua no Córrego do Sargento, na Linha do Tiro, Zona Norte do Recife. Iniciar com este coletivo e acompanhá-lo durante um ano deve-se à proposta da investigação, que prevê uma contrapartida das pesquisadoras junto à comunidade, por meio de ações de comunicação e participação em eventos do Perifa.

Na pesquisa de campo, foram entrevistadas seis mulheres do Perifa. A primeira delas, a idealizadora do Coletivo Sargento Perifa, jornalista Martihene Oliveira, em janeiro. As outras cinco, no mês de junho.

É natural que as mulheres apareçam como liderança. Falo não só do Córrego Sargento, pois meu trabalho, para além do Perifa, também é visitar outras comunidades, enquanto jornalista independente. E é interessante, porque sempre que a gente vai numa comunidade, por mais que a gente não conheça, é incrível que é sempre uma mulher que se destaca, que sai à frente, que se apresenta e pergunta “O que você quer? Eu posso ajudar!”, ou seja: ela não é a líder comunitária oficial, mas é a grande articuladora da comunidade. Isso também é muito forte no Córrego do Sargento, independente do Sargento Perifa. (Oliveira, 2024)

A afirmação de Martihene Oliveira ecoa no projeto Rede de Mulheres do Perifa, lançado em julho de 2023. Voltado exclusivamente para mulheres, promove encontros mensais com debates, rodas de conversas, palestras e troca de experiências. É uma troca, e tudo que é discutido, é refletido na rotina e no dia a dia das moradoras. Com isso, para casos de violência doméstica e de gênero, por exemplo, houve uma “despertar” das moradoras, a partir do momento que o tópico foi abordado. Além disso, todo um ciclo é desenvolvido. A mulher que tenha chegado à rede para conversar e trocar experiências, começa a aprender sobre fotografia, produção de lambes, comunicação popular e, conseqüentemente, poderá se tornar uma liderança em potência e se perceber com voz ativa e participante na comunidade.

Outra etapa foi participar do planejamento anual do Coletivo para o ano de 2024. Nestes encontros, foi possível ouvir e observar sobre o protagonismo das mulheres não só no Sargento Perifa, como na comunidade, e nas suas próprias famílias. De acordo com Martihene, somente o quadro de integrantes do Coletivo é composto por mulheres de 70% a 80% do total (Oliveira, 2024). Tal participação foi demonstrada na reunião de planejamento do ano de 2024, realizada no dia 21 de janeiro, das 9 às 17h. Estiveram

presentes a maioria dos/as integrantes do coletivo. Nós acompanhamos a reunião e produzimos um relatório do que foi apresentado. O documento foi entregue ao Coletivo, em uma contribuição que visa ainda construir uma memória desses encontros.

O encontro foi iniciado por Martihene Oliveira, que apresentou a proposta do Perifa: informar para transformar. O Perifa leva informação e por isso transforma. É um veículo de mídia independente e de comunicação popular, feita por todos. Todos são comunicadores. Na sequência, os jornalistas Martihene e Gilberto Luiz começaram a explicar o roteiro do planejamento estratégico do Perifa, item por item: O que é a comunicação popular do Perifa; Nova logo; Site novo; Censo; Camisas; Estatuto; Editais; Novos integrantes; Jornalismo; Oficinas; Parcerias; Atividades fixas; Prestação de contas do Perifa; Montagem do calendário semestral/anual. Por fim, o último item da pauta: a apresentação dos projetos pelos seus coordenadores e coordenadoras, integrantes do coletivo.

Cerca de um mês após a reunião de planejamento, no entanto, ocorreu a morte de um dos integrantes mais ativos do Sargento Perifa. Isso provocou a suspensão temporária das atividades, além de ter trazido à tona o sentimento de impotência perante a criminalidade e a falta de políticas públicas no território.

## REFERÊNCIAS

- CETIC. **TIC Domicílios: Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros**. Disponível em: [https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20211124201233/tic\\_domicilios\\_2020\\_livro\\_eletronico.pdf](https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20211124201233/tic_domicilios_2020_livro_eletronico.pdf) Acesso: 10 Out 2022.
- COLETIVO SARGENTO PERIFA. **Nossa História**. Disponível em: <https://coletivosargentoperifa.com/nossa-historia/> Acesso: 30 Jan 2024.
- CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos Feministas. Ano 10 vol. 1, 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>> Acesso em: 18 Maio. 2024.
- HASENBALG, Carlos; GONZALEZ, Lélia. **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- LÜDKE, Menga; MARLI, André. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: E.P.U., 1986.
- LUGONES, María. **Colonialidade e gênero**. Tabula Rasa [online]. 2008, n.9, pp.73-102.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 5. Ed. 4. São Paulo: Atlas, 2010.
- OLIVEIRA, Martihene. **As mulheres no Coletivo Sargento Perifa**. Entrevista concedida à Maria Mariana Gonçalves da Silva. Presencial, gravação com celular. 16 Jan 2024.
- SANTOS, Céres Marisa Silva dos. **La apropiación de las TIC por mujeres brasileñas**. In FARRERA, Abrahan Mena; PABLOS, Esperanza Tuñón (cord.). **Género y TIC**. San Cristóbal de Las Casas, Chiapas, México, Ed. Ecosur, 2018.